

ESTUDOS PORTUGUESES

HOMENAGEM A
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

DIALOGO
Compilação



821.134-3107
FLL

531

X-021-002-270 1121

DIÁLOGO
Série Compilação

ESTUDOS PORTUGUESES

HOMENAGEM A
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA



c.
27.11.90

ESTUDOS PORTUGUESES

HOMENAGEM A ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

1990

ESTUDOS PORTUGUESES

A HOMENAGEM A
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Titulo
**Estudos Portugueses.
Homenagem a António José Saraiva**

1.ª edição — 1990

Instituto de Cultura e Língua Portuguesa
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

© Instituto de Cultura e Língua Portuguesa
Praça do Príncipe Real, 14 — 1.º — 1200 Lisboa
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Cidade Universitária, 1699 — Lisboa Codex
Direitos de tradução, reprodução e adaptação reservados para todos os países

Capa
Aguarela de António José Saraiva
Arranjo gráfico de M. Fernanda de Carvalho

Tiragem
1.500 exemplares

Composição e impressão
Gráfica Maladouro
Rua Padre Luís Campos, 686 — 4470 MAIA

Depósito legal n.º 34 561/90

NOTA DE ABERTURA

Nascido em 31 de Dezembro de 1917, António José Saraiva é uma das personalidades que mais têm marcado a cultura portuguesa nos últimos cinquenta anos. Os seus primeiros trabalhos de maior extensão, redigidos para a obtenção dos dois graus iniciais de uma carreira académica invulgarmente precoce — dissertação de licenciatura sobre Bernardim Ribeiro em 1938 e dissertação de doutoramento em Filologia Românica intitulada *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval*, publicada em livro no ano seguinte ao da sua apresentação em 1942 —, constituindo ainda hoje uma das principais referências nos estudos bernardianos e vicentinos, são já reveladores das qualidades que a sua obra sempre manifestou.

Atraído, desde o início, pelas grandes obras da literatura portuguesa, bem como pelas questões de fundo da nossa cultura, o ensaísta encarou-as sempre numa perspectiva pessoal e inovadora, produzindo sobre elas uma reflexão original. Aliando à coragem intelectual, manifestada numa atitude de desafio de ideias consagradas (por outros ou por si mesmo), uma invulgar intuição na interpretação dos fenómenos estético-literários e uma inesgotável e inquieta curiosidade pelos vários domínios do saber, António José Saraiva criou uma obra não apenas vastíssima, mas também extremamente diversificada (aspectos que a leitura da bibliografia incluída neste volume torna imediatamente perceptíveis) e cuja acção na formação cultural dos Portugueses tem sido incalculável.

A importância desta vertente pedagógica da obra de António José Saraiva, cuja repercussão tem ultrapassado largamente o público exclusivamente universitário, justifica-se não apenas pelas qualidades já referidas, pelo seu espírito imaginativo e crítico, pela argúcia que o conduziu sempre a captar o âmago das questões que aborda, mas também pelo seu estilo límpido, transparente, pela clareza e aparente simplicidade na exposição dos assuntos e, por outro lado ainda, pelo seu próprio perfil intelectual e humano. Em todos os quadrantes da sua intervenção na sociedade

portuguesa, que abarca campos tão diversos como o dos trabalhos de carácter erudito e o da actuação cívica através da colaboração regular na imprensa, o pensador tem mantido uma atitude de uma exemplar integridade e coerência, revelada quer na impermeabilidade a tentações ou pressões dos vários mecanismos do poder social ou político, quer na difícil e invulgar coragem de repensar, questionar e mesmo negar as suas próprias convicções, reactualizando-se constantemente.

Foi esta verticalidade de António José Saraiva, a vibração entusiástica que sempre transmitiu às convicções que considerava justas, que o tornaram frequentemente incómodo ou mesmo «persona non grata» na óptica institucional e que lamentavelmente conduziram a que o reconhecimento «oficial» do seu valor começasse por se fazer no estrangeiro.

Forçado efectivamente a exilar-se em França, por ter sido proibido de leccionar em Portugal, não apenas na Universidade mas também em todos os estabelecimentos de ensino oficial e particular, começou por ser bolseiro do Collège de France (sob a orientação de Marcel Bataillon) em 1958/59, para, depois de algum tempo como investigador («Attaché de recherche») do Centre National de la Recherche Scientifique de Paris, lhe ser concedido em 1967 o grau de «Chargé de Recherche» do mesmo Centro (lugar que supõe a equivalência ao «Doctorat d'État» em França).

A publicação da sua obra conferira-lhe entretanto um tal prestígio internacional que é convidado para o cargo de Professor Catedrático («Hoogleraar») pela Universidade de Amsterdão, aonde permaneceu até 1975, ano em que regressou a Portugal para desempenhar o cargo de Professor Catedrático, primeiramente na Universidade Nova de Lisboa e no Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa, até ter sido possível, em 1977, a sua nomeação como Professor Catedrático, por distinção, no quadro dos professores de Filologia Românica.

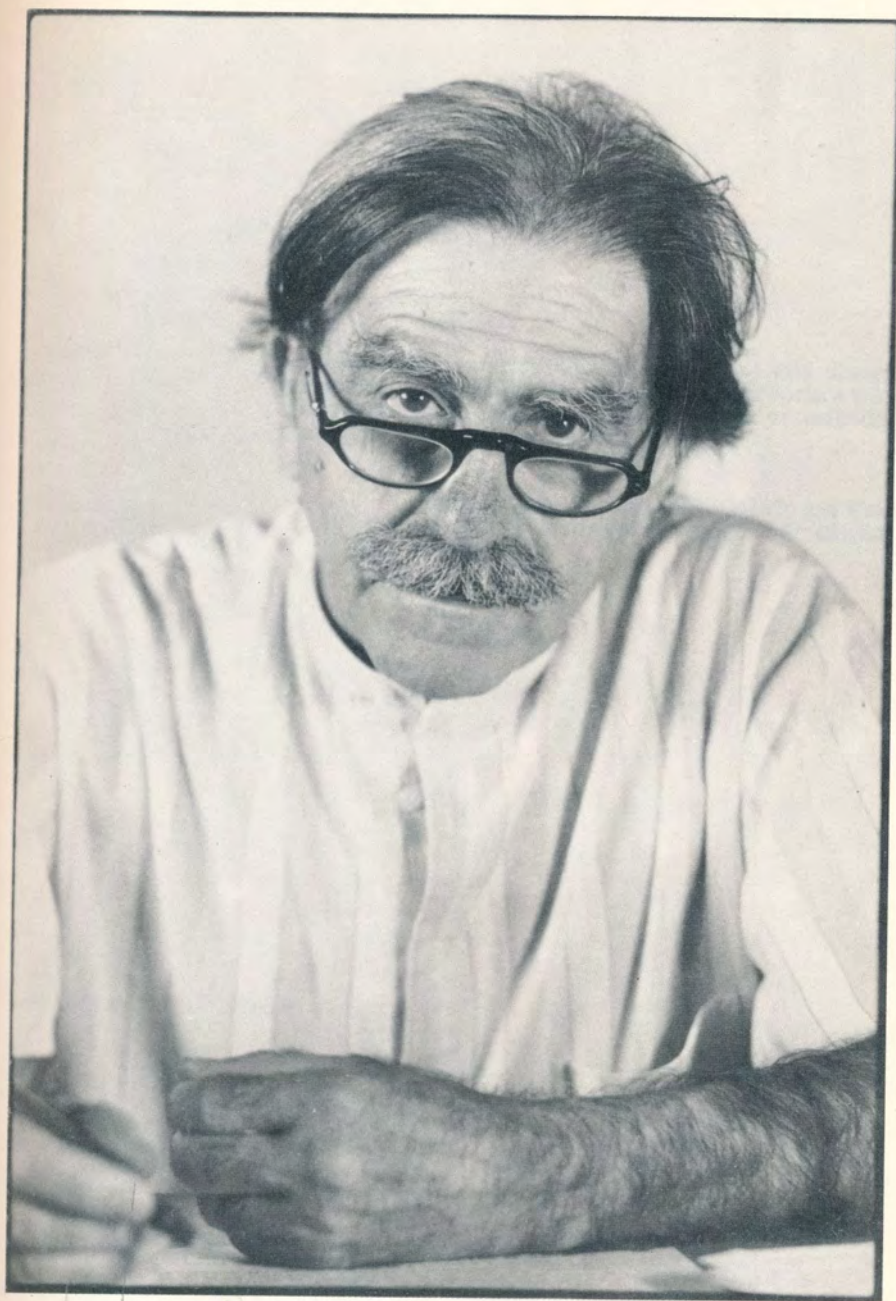
Também no âmbito da actividade docente que desenvolveu nestes últimos anos na Faculdade de Letras, a presença de António José Saraiva foi estimulante e enriquecedora.

Foi por todas estas razões que a Faculdade de Letras, em colaboração com o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, tomou a iniciativa de comemorar simbolicamente essa presença de António José Saraiva na cultura portuguesa (tanto dentro da escola como fora dela), dando a palavra a todos aqueles — antigos alunos, colegas, amigos— que, sentindo-se devedores do grande mestre que ele foi e é, quisessem colaborar na miscelânea que agora se edita.

A Faculdade de Letras agradece à Fundação Calouste Gulbenkian e à Fundação Oriente o terem contribuído com o seu apoio financeiro para a concretização desta iniciativa.

A Comissão Executiva

Maria de Lourdes Belchior
Maria Lucília Gonçalves Pires
José da Costa Miranda
Leonor Curado Neves
Luís Ramalhosa Guerreiro



O «CRIADOR DE ANARQUIAS» — «CRIADOR DE CIVILIZAÇÃO»

Pessoa aplicou a A. J. S., numa entrevista inédita (talvez apócrifa), estas expressões com que, nitidamente, se auto-caracterizava.

TERESA RITA LOPES

Universidade Nova de Lisboa

Pessoa tem sido entendido de muitas e desvairadas maneiras. Mesmo um dos seus íntimos, João Gaspar Simões, viu nele um *blagueur*, e, desde esse longínquo dia em que ele se fez substituir pelo Alvaro de Campos para o receber a ele e a José Régio, no Café Montanha, nunca mais lhe perdoou nem o tomou a sério. (1) Outros, no polo oposto, apresentam-no como um iluminado, profeta louco e bruxo recôndito, falando alto através dos subterrâneos das suas crenças e práticas ocultas, destituído dessa capacidade de ironia que ele considerava a marca dos seres civilizados. De facto, num texto publicado em 1928, no *Notícias Ilustrado*, sobre «O provincianismo Português», Pessoa falava precisamente do exercício da ironia como tratamento para o «síndrome provinciano» e dizia que isso implicava «um domínio absoluto da expressão, produto de cultura intensa; e aquilo a que os ingleses chamam *detachment* — o poder de afastar-se de si mesmo, de dividir-se em dois, produto daquele «desenvolvimento da largueza de consciência» em que, segundo o historiador alemão Lamprecht, reside a essência da civilização». Esse *detachment* outro não é, afinal, que a arte do fingidor: o da «sinceridade traduzida», como também diz. É assim que esse menino que pela vida fora brincou a ser muitos não é infantilmente espontâneo:

(1) Segundo relato do próprio J. G. Simões, in *Retratos de poetas que conheci*, capítulo I. Pessoa (Porto, Brasília Editora, 1974). Durante uma digressão pessoana pelo Brasil, em Novembro de 1985, tivemos ocasião de o ouvir desmistificar a ficção dos heterónimos, como conta António Quadros no volume III, pp. 1368-9, da sua *Obra poética e em prosa*, do poeta.

ÍNDICE

NOTA DE ABERTURA	7
AGOSTINHO DA SILVA PARA ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA	13
ALBERTO CARVALHO SINGULARIDADES DE UMA CULTURA	15
ALVARO PINA EÇA DE QUEIROZ: <i>A CIDADE E AS SERRAS</i> A DIAGNOSE DA CIVILIZAÇÃO E DO PROGRESSO	25
ANA HATHERLY REESCRITA E INOVAÇÃO BARROCA: ANTÓNIO BARBOSA BACELAR VS. LUÍS DE CAMÕES	31
ANA MARIA ALMEIDA MARTINS O EPISTOLÁRIO PORTUGUÊS DA BIBLIOTECA MARCIANA DE VENEZA UMA CARTA DE FERNANDO DE QUENTAL	47
ANA DE SEABRA PARA UMA INTERPRETAÇÃO DO EPISÓDIO DE S. TOMÉ N'OS <i>LUSÍADAS</i>	53
ANNABELA RITA (DES)CONSTRUÇÃO (MOTE MEU E VOLTAS: OS (DES)APONTA- MENTOS DE Z. ZAGALO)	67
CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO A DESCOBERTA DO MUNDO INTERIOR: SONHOS, SOMBRAS E VOZES NA <i>MENINA E MOÇA</i>	73
FERNANDO J. B. MARTINHO <i>BRANCO NO BRANCO</i> DE EUGÉNIO DE ANDRADE	83
FERNANDO PINTO DO AMARAL CARLOS DA MAIA E JOÃO DA EGA: DOIS VENCIDOS DA VIDA DEZ ANOS DEPOIS	85
GILBERTO MOURA SOBRE A PRIMEIRA FASE DA NOVELÍSTICA DE CASTRO SORO- MENHO	93
HARRY BERNSTEIN LITERATE ARTISANS OF PORTUGAL AND THEIR LITERATURE	105
HELDER GODINHO AS IMAGENS DO AMOR EM CAMÕES E RONSARD	113

HELENA CARVALHAO BUESCU	
A IMPORTÂNCIA DOS ACTOS V: <i>WILHELM MEISTERS LEHRJAHRE, L'ÉDUCATION SENTIMENTALE E OS MAIAS</i>	123
HENRY MECHOULAN	
FRANCISCO DE CACERES TRADUCTEUR JUIF ESPAGNOL DE LA <i>SEPMINE DE GUILLAUME DE SALUSTE DU BARTAS</i>	133
H. P. SALOMON	
LES PROCÈS DE L'INQUISITION PORTUGAISE COMME DOCUMENTS LITTÉRAIRES, OU DU BON USAGE DU FONDS INQUISITORIAL DE LA TORRE DO TOMBO	151
IRWIN STERN	
A LIMBO OF LIBERAL THOUGHT: <i>PORTUGUESE NEWSPAPERS 1760-1820</i>	165
ISABEL PIRES DE LIMA	
UM ELO INQUEBRANTÁVEL — A POESIA DE GONÇALVES CRESPO	177
J. ALMEIDA PAVÃO	
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA E OS ESTUDOS VICENTINOS	185
X J. BORGES DE MACEDO	
PARA UM ESTUDO ESTRUTURAL DOS MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS PORTUGUESES	193
ENSAIO DE FORMALIZAÇÃO CONCRETA	
JOEL SERRAO	
NOTA SOBRE «O SENTIMENTO DA IMORTALIDADE», DE ANTERO DE QUENTAL	215
JOSE-AUGUSTO FRANÇA	
ALMADA E PESSOA, A PROPÓSITO DE UMA ODE	223
JOSE AUGUSTO SEABRA	
O ARQUITEXTO DA <i>MENSAGEM</i>	231
JOSÉ DA COSTA MIRANDA	
X LAURA: A DOS CRÍTICOS LITERÁRIOS E A DOS CRÍTICOS LITERÁRIO — MATEMÁTICOS	239
JOSÉ MATTOSO	
O PASSADO MEDIEVAL E A EUROPA DE HOJE	255
JOSE VAN DEN BESSELAAR	
OS ORÁCULOS SIBILINOS NAS OBRAS PROFÉTICAS DE ANTÓNIO VIEIRA	267
LEONOR CURADO NEVES	
UMA LEITURA DO EPISÓDIO DO ADAMASTOR:	281
SOBRE UM ARTIGO DE ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA	
LUISA DACOSTA	
PARA UM AMIGO	293
LUIS RAMALHOSA GUERREIRO	
REALIDADE E MIMÉSE: A CRÍTICA DO DRAMA BARROCO	297
MARGARIDA BRAGA NEVES	
DA CRÍTICA COMO DIÁLOGO	313

MARGARIDA MADUREIRA A IDEALIZAÇÃO DO MUNDO: FICÇÃO E REALIDADE NOS CONTOS E HISTÓRIAS DE PROVEITO E EXEMPLO	319
MARGARIDA VIEIRA MENDES GIL VICENTE: O GÉNIO E OS GÉNEROS	327 v
MARIA DAS GRAÇAS MOREIRA DE SA DO PORTUGAL «DECADENTE» AO PORTUGAL «RENASCENTE»: ... A MAGIA DO VERBO E DA SAUDADE DE TEIXEIRA DE PASCOAES	335 ↙
MARIA HELENA DE PAIVA CORREIA O EXEMPLUM COMO MÁSCARA	343
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA O «DIÁLOGO DOS PERSAS» EM HERÓDOTO	351
MARIA ISABEL ROCHETA UMA LEITURA DE O SENHOR DO PAÇO DE NINAES DE CAMILO CASTELO BRANCO	363
MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ CARNAVAL URBANO EM PORTUGAL	375
MARIA DE LOURDES CIDRAES VIEIRA O FREI LUÍS DE SOUSA—OU A SEGUNDA MORTE DE D. SEBASTIÃO	387
MARIA LUCILIA GONÇALVES PIRES PREGADOR E OUVINTES NOS SERMÕES DE VIEIRA	399
M. ROSARIO PAIXAO PEDRO E INÊS: AMOR ETERNO (E SAUDADE) EM ANTÓNIO PATRÍCIO	413
OSCAR LOPES UM POEMA DE ANTÓNIO FRANCO ALEXANDRE	421
OSÓRIO MATEUS SCILICET	427
SILVINA RODRIGUES LOPES FAUSTO NA PRAIA DO LIMITE	433
TERESA RITA LOPES O «CRIADOR DE ANARQUIAS» — «CRIADOR DE CIVILIZAÇÃO» ...	439
VICTOR JABOUILLE ANFITRIÃO OU JÚPITER E ALCMENA DE ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA — UMA PERSPECTIVA DE RECEPÇÃO DO MITO CLASSICO	455
BIBLIOGRAFIA DE ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA	481



e.
27.11.90